



Comunica Ação Espírita

Órgão de difusão da Associação de Divulgadores do
Espiritismo do Estado do Paraná

Site: www.adepr.org.br - Redação: adepr@adepr.org.br

“O Espiritismo será o que dele fizerem os homens.”- Léon Denis

Assinatura Anual: R\$ 30,00 Ano XXVIII Curitiba - Novembro / Dezembro de 2024 N° 166
Assine e Recomende!

Outras matérias

Curiosidades e estatísticas da literatura espírita

Nesta edição estamos concluindo um panorama geral sobre a nossa literatura. Os destaques ficam por conta de diversos números sobre levantamentos de publicações e vendas neste segmento. E, ainda, outras curiosidades, completando aquelas inseridas na edição anterior. **(Palavra dos Espíritos e dos espíritos, pág. 6).**

Saber, perguntar, ensinar e fazer

“Existem três classes de pessoas que são infelizes: a que não sabe e não pergunta, a que sabe e não ensina e a que ensina e não faz”. Este aforismo foi enunciado pelo eminente Sidarta Gautama, mais conhecido como Buda. E por falar em ensinar e aprender, quanto podemos aprender somente nos debruçando em análises sobre esta frase! **(Trocando em Miúdos, pág. 7).**

Os caminhos da dor e do amor

Já ouvimos muitas frases a expressão se referindo aos primeiros contatos com o Espiritismo. Mas, refletindo além, podemos concluir que estas opções únicas são uni-versais e devem ser acatadas indis-tintamente. Para tornar-se um homem – e espírito – de Bem, e progredir, temos todos que fazer a escolha, com mais ou menos penar. **(Artigo, pág. 2).**

Para onde caminhamos?

O ambiente fica conturbado quando da reforma de uma casa com os moradores dentro. Muito mais complicado quando a família não se entende sobre o que e como as coisas devem ser feitas e cada um, sem levar em consideração os desejos e necessidades dos demais, fomentam a discórdia.

É de se perguntar qual a contribuição que estamos oferecendo. Justa e necessária a reciclagem permanente do conhecimento. Necessário aperfeiçoar instituições, oportunizar o progresso para todos, disseminar as benesses conquistadas graças ao processo civilizatório, luzes da instrução e recursos materiais.

Não, porém, a tentativa de erguer a nova moradia sobre os escombros provocados pela intolerância, violência e total ausência do espírito de fraternidade. É absolutamente contraproducente desprezar os alicerces construídos ao longo dos milênios por aqueles que nos antecederam ou por nós mesmos em versões personalísticas diferentes.

Não convém deturpar a História. Não se recomenda achincalhar o trabalho realizado por aqueles que, às

duras penas, abriram veredas por onde caminhamos hoje desfrutando de conforto e bem-estar. As Religiões, a Filosofia, as Ciências, as Artes precisam ser respeitadas.

Hoje há os que anseiam por mudanças e transformações implantadas à força da demolição total dos valores e princípios que trouxeram a Humanidade até aqui. E há, infelizmente, os que desejam corroer a estrutura social e esmagar a estética com materiais de péssima qualidade. Toda intransigência, toda imposição, todo radicalismo não podem conduzir ao bem social. Para não haver mal-entendidos, estamos falando da chamada “cultura woke”.

Este é hoje, com certeza, um dos mais perigosos golpes

na praça, a do estelionato moral. Cuidemos para não sermos vítimas desta propaganda enganosa que oferece embrulho vistoso fantasiado de liberdade e justiça social, mas cujo conteúdo ameaça explodir o sonho de um lar terrestre feliz para todos nós.

Dois mil e vinte e cinco indaga: *Para onde caminhamos?* Responda você mostrando o tipo de tijolo que tem a oferecer para a reforma da casa que nos abriga.



Saiba mais sobre as colônias espirituais

Na edição do bimestre julho-agosto trouxemos uma ampla matéria sobre a possível existência das cidades edificadas na dimensão espiritual. Ao leitor que ainda ficou com dúvidas ou deseja se aprofundar um pouco mais, trazemos agora um resumo do assunto desenvolvido pelo escritor Paulo Neto em seu livro “As colônias espirituais e a Codificação”. **(Livros que eu recomendo, pág. 5).**

ADE-PR chega aos 29 anos

No dia 27 de outubro ficamos a um passo de completar três décadas de existência. **Nosso Editorial, pág. 2)** concentra-se em agradecer a todos os que permitiram que a ADE-PR chegasse aonde chegou. Foram lembrados os Sócios-efetivos, anunciantes e assinantes deste nosso CAE, sócios do Clube do Livro Espírita, apresentadores e mantenedores do programa de TV *Diálogo Espírita*. Confira!

O sagrado e o profano

A ideia de sagrado está mais ligada ao sentimento que cada indivíduo atribui a determinado local, objeto ou representação do que a estes em si. Nem por isso é admissível que, em nome da liberdade de expressão, os símbolos religiosos de qualquer credo sejam ridicularizados como sucedeu na abertura das Olimpíadas e o quadro da Santa Ceia. **(Lentes Especiais, pág. 8).**



Nossa gratidão

Não havia necessidade de o calendário nos lembrar. Desde que a ADE-PR foi fundada em 27 de outubro de 1995, esta data tornou-se tão importante como a do nascimento de um filho.

Ao chegarmos aos 29 anos e olharmos para trás, vemos a existência desta instituição entrelaçada de modo irreversível com a nossa própria. É como se uma não fosse possível existir sem a outra.

Se, por um lado, naquele dia, juntamente com alguns companheiros, não estivéssemos à frente para a criação da ADE-PR, obviamente, ela não teria agora história para ser contada. De outro, se a ADE-PR não existisse, refletimos, o que seria da nossa vida? Com o que teríamos preenchido o tempo de tantos anos?

Enfim, missão abraçada. Missão com algum ponto de chegada imprevisível. Missão a se completar, tarefa a cumprir.

O aniversário das pessoas marca mais uma volta no círculo fechado e o início de outro. Tal como para elas, para as instituições, mais importante do que o encerramento de um ano iniciado em janeiro e concluído em dezembro, é justamente o que termina e reinicia a partir de sua fundação dando seguimento ou oferecendo novos desafios.

Por isso, estamos registrando aqui a nossa gratidão a todos os colaboradores diretos e indiretos da ADE-PR, sem os quais não seria possível chegar aonde chegamos. Alguns deles são os Associados-efetivos que mesmo sem participar no dia a dia das atividades, mensalmente entregam a sua valiosa contribuição financeira para a manutenção das tarefas.

Há os assinantes deste jornal, número extremamente pequeno pelo que julgamos que ele, o nosso querido CAE, entrega de conteúdo, informação, artigos, entrevistas, mas que, de qualquer forma, soma valor aos recursos. Há os anunciantes que sem visar retorno perceptível, vincula a nós o nome seu ou de alguma empresa, marcando presença em nossas páginas.

Há os associados do Clube do Livro Espírita de Curitiba cuja existência antecede a da própria ADE-PR, este, também, atualmente em número incompatível com o potencial de leitores. As causas disso bem sabemos, porém, não é momento de tratar disso.

E, finalmente, temos os colaboradores do programa de televisão *Diálogo Espírita*, atividade esta que de longe é a que mais exige recursos, e sempre vale lembrar, caminhamos para 12 anos no ar e este combustível financeiro sem o qual o carro-chefe da ADE-PR não anda, já escasseou várias vezes, mas, invariavelmente, consegue ser abastecido por mãos generosas.

O nosso muitíssimo obrigado e parabéns a todos, pois que cada um de vocês pode e deve experimentar aquele sentimento que não fosse ele tão combatido em nosso meio como algo negativo – e, de fato, o é – poderíamos usar a palavra orgulho.



ADE - PR

EXPEDIENTE

Jornal COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Órgão de divulgação da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná (ADE-PR)

Editor
Wilson Czernski

Jornalista Responsável
Ricardo A. Dias - DRT-PR 5504

Diagramador
Aparecido José Orlando

Endereço para Correspondência
Rua João Soares Barcelos, 2715 / B-6
Boqueirão - Curitiba - PR
81670-080

Tiragem desta Edição
600 exemplares

Impressão
Folha de Londrina

Pelo amor ou pela dor

Da Redação

Costumamos falar em nosso meio que as pessoas chegam ao Espiritismo pelo amor ou pela dor. Considerando a necessidade de aprendizado e trabalho para o progresso espiritual e a própria justiça divina incidente sobre a nossa natureza ainda muito tibia e imperfeita, valendo tudo isso em caráter geral, para qualquer pessoa, pensamos que, na realidade, os caminhos alternativos da dor e do amor são as opções de todas as pessoas, independentemente de espíritas ou não, para se chegar à condição de homem (ou mulher) de Bem. Um dia todo indivíduo tem que despertar, “cair em si” como diz o Evangelho.

Ensinam-nos os Instrutores Superiores que as aflições são de duas ordens. Há as que têm suas causas na vida atual e as cujas origens procedem de vidas pretéritas. Por exemplo, uma pessoa que tenha alimentado o vício do tabagismo por muitos anos pode, eventualmente, manifestar um câncer de pulmão. Neste caso, a causa é facilmente identificável por prender-se à existência atual. Porém, este mesmo tipo de câncer pode incidir em uma pessoa que nunca fumou nesta reencarnação, porém, seu perispírito havia sofrido lesões por conta do vício em outra época. Logo, a causa estaria em uma de suas vidas anteriores.

Na situação das dores morais, pode acontecer a mesma coisa. Alguns tipos de sofrimentos poderiam ser evitados porque as praticamos ainda ontem ou seguimos cometendo o mesmo tipo de equívoco. De outras, as causas nos surgem como consequência da aplicação da lei de Causa e Efeito por transgressões morais do passado mais distante.

Sendo assim, nas experiências dolorosas cujas causas são atuais, a dor surge como o reflexo ou consequência de excessos ou desvios comportamentais (alimentares, vícios, de trabalho/ócio/sedentarismo), estresse, sentimentos e pensamentos negativos – pessimismo, por exemplo, pois sabemos que aquilo em que muito pensamos, tende a se materializar, isso é, se concretizar na vida real.

Ainda nas aflições com origem nesta vida, o amor atua como agente ativo do autoconhecimento e ação consciente expressa pelo livre-arbítrio, prevenindo ou diminuindo comportamentos equivocados e suas consequências também negativas.

Já em relação às aflições de origem em vidas pretéritas, a dor purifica, expia e, em se tratando do corpo físico, drena as energias desequilibradas da alma para ele na forma de distúrbios e enfermidades.

E o amor surge como o antídoto por excelência que seria e é capaz de reverter grande parte deste processo de sofrimento ao substituir essas energias malsãs por outras positivas decorrentes da prática das boas ações.

O mal ou o erro, em qualquer tipificação que possamos imaginar, pode ser atenuado, parcelado, neutralizado e mesmo cancelado pela ação oposta, compensando a nossa contabilidade pessoal perante a economia da vida.

Assinatura anual do jornal: R\$ 30,00.

Depósito Banco do Brasil

Agência 2823-1 conta corrente 205.755-7

CNPJ: 01.470.216.0001-83.

Informações pelo e-mail: adepr@adepr.org.br



A contribuição da Grécia para o Espiritismo: Sócrates, Platão e o templo de Apolo; o determinismo relativo dos genes e o estilo de vida; orgulho de quê? Humildade evidencia inteligência.

GRÉCIA. Reconhecida e justamente é considerada o berço da Filosofia. Aliás, foi exatamente lá que ela nasceu e o primeiro dos primeiros foi Tales de Mileto, isso no século VI a. C., embora o termo originado da junção de *philos* (amor) e *sophia* (conhecimento), significando, portanto, amor ao conhecimento ou à sabedoria, tenha sido cunhado por Pitágoras.

Além de tudo o que estes grandes pensadores deixaram de legado para a Humanidade, para nós, espíritas, ao nos reportarmos a este belo país e seus ilustres representantes da cultura humana, não há como deixar de destacar o papel de destaque dois deles, Sócrates e Platão, como precursores do Espiritismo.

Muitas das ideias destes dois eminentes filósofos, o segundo, discípulo do primeiro, mas não menos importante, contribuíram imensamente tanto em vida como depois de desencarnados para a constituição da Doutrina Espírita. Ambos formularam conceitos muito claros sobre o Universo, Deus, a imortalidade da alma, a reencarnação e muito mais.

Para avaliarmos a contribuição deles aos alicerces da Codificação Espírita e para não nos alongarmos, basta nos remetermos à Introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, em seu item IV, na qual são comparados e confirmados pelos Espíritos Superiores, entre eles, os próprios, muitos de seus ensinamentos. Lá estão listados por Allan Kardec 21 temas abordados por Sócrates e Platão e que apontam para uma convergência de ideias entre o elaborado por eles e a Codificação, separados por um intervalo de tempo de cerca de 2.200 anos.

Afora esta conexão mais relevante da Grécia com o Espiritismo, não podemos deixar de mencionar uma particularidade envolvendo ainda o próprio Sócrates. Estamos nos referindo à frase “Conhece-te a ti mesmo” que a ele é atribuída. Porém, o que se sabe é que o velho filósofo a teria adotado, ao que parece, após uma visita de um discípulo seu a Delfos em cujo pórtico do templo do deus Apolo ela fora inscrita.

GENÉTICA. Tanta coisa pode ser dita a respeito das conexões entre este ramo da Biologia e o Espiritismo. Há até livros inteiros de autores espíritas, especialmente, especialistas em Medicina, que estabelecem as múltiplas interações entre o corpo e o espírito. Infelizmente, as ciências ligadas ao primeiro, sua constituição, fisiologia e manutenção de sua saúde, tendem a ignorar a existência do segundo. Não compreendem que é o espírito a essência que se manifesta através do corpo, sendo este apenas o veículo.

E quando falamos em o espírito expressar-se através do corpo físico, não queremos dizer somente que o espírito é a entidade pensante que comanda, o verdadeiro eu que sente, experiencia, raciocina, memoriza. Inclui-se o efeito espelho, ou seja, de que o corpo reflete os estados de equilíbrio ou falta dele, condições que predominam no agente primário. Daí concluirmos que situações de bem-estar ou enfermidade, salvo casos muito particulares, denunciam a existência de energias sadias ou malsãs existentes no âmago do ser imortal.

Os genes, por mais que carreguem a capacidade de provocar hígides ou desordens diversas no corpo, sempre serão somente os mensageiros de forças boas ou más em algum momento incorporadas ao perispírito durante vivências mais ou menos felizes no campo das experiências terrenas, da atual ou de anteriores reencarnações.

Nestes breves apontamentos é preciso enfatizar, também, que as tendências estabelecidas potencialmente pelos genes herdados dos pais não determinam inexoravelmente o surgimento concreto de uma enfermidade

ou característica especial, positiva ou não, no indivíduo.

Em primeiro lugar porque ao reencarnar, o espírito não consegue separar totalmente os genes que lhe interessa ou dos quais terá necessidade. Em segundo lugar, ainda que possua em sua bagagem genética este ou aquele gene que, em princípio, até poderia se manifestar por força do conteúdo armazenado em sua intimidade, em aqui chegando, dependendo do seu estilo de vida, fatores ambientais e, principalmente, de sua conduta moral, tais genes podem ser neutralizados. O gatilho do distúrbio não dispara.

HUMILDADE. Ensinam-nos os neurolinguistas e os autores de autoajuda que ao examinarmos regras de conduta ou ordens mentais devemos dar preferência àquelas que podem ser colocados com o sinal positivo. Neste sentido, por exemplo, recomenda-se usar: “Eu viverei com saúde” preferido ao “Não ficarei doente”.

Talvez, por isso, fosse realmente mais apropriado falarmos aqui da virtude da humildade e não do defeito do orgulho. Contudo, vamos ousar infringir essa recomendação porque é mais fácil apontar razões para não sermos orgulhos do que para sermos humildes, embora, obviamente, uma coisa leve à outra.

Sentir orgulho de quê? Se considerarmos vantagens ou privilégios em relação à vida material com tudo o que a nossa passagem aqui pelo palco terrestre pode nos oferecer, basta lembrar que nada, absolutamente nada poderá ser colocado em nossa bagagem na hora da partida para a viagem de volta ao lugar de onde viemos.

E não importa se acreditamos ou não na existência de uma vida de além-túmulo. Podemos até admitir que os que pensam que a vida se resume somente a este plano ou dimensão desejem se esbaldar com os gozos terrenos, aproveitando, ao máximo, o tempo e os recursos momentaneamente disponíveis. “Sorte” destes tais. Mas sentir orgulho de terem posses, poder, fama, beleza e outros não terem? Sentirem-se, por isso, mais, maiores e importantes do que os outros quando logo ali mais à frente podem ter que deixar tudo para trás?

É uma questão de inteligência. Ou falta dela. Reconhecer a nossa pequenez diante do Universo e efemeridade de nossa presença aqui onde agora estamos representa uma demonstração de compreensão sobre uma realidade que não temos condições de mudar.

Como dizem por aí, ninguém fica para semente. Todos chegamos, vivemos e um dia partimos. Neste caso, a crença na reencarnação poderia ajudar a se pensar em contribuir para um futuro da coletividade para a qual, em algum tempo indeterminado mas provável, teremos que retornar e colher, quem sabe, algum benefício do que deixamos na existência atual.

Mesmo assim, estaríamos falando de algum tipo de progresso, nas ciências ou nas artes, na cultura ou edificação do bem e nem isto seria razão para nos orgulharmos.

Seguindo pela trilha do raciocínio espiritualista, definitivamente o orgulho não encontra razão de ser por compreender-se a inutilidade dos bens e valores transitórios da matéria e pela aceitação de que somos todos criaturas de Deus, iguais na origem e na destinação.

Não somos mais que ninguém, embora, cada um ocupe o devido lugar a que já fez jus pelo seu esforço e mérito ou necessidade. Portanto, humildade deve ser norma de conduta de todos nós, mais ou menos aquiñoados de bens ou outros pretensos destaques humanos.



Transcorriam os meses de novembro e dezembro de 2014 e chegávamos à edição 106 deste nosso jornal. Na capa, a principal notícia era “A exploração do cosmo exterior e interior”, fazendo um contraponto entre os avanços científicos em busca de algum tipo de vida fora da morada terrestre e o autodescobrimento dos indivíduos.

Completavam-se, então, 45 anos dos primeiros passos humanos em nosso satélite natural, a Lua; a *Voyager I*, depois de 36 anos de viagem, saía do sistema solar; o robô *Curiosity* estava em plena atividade em Marte, para onde, pensava-se, poderia haver uma expedição tripulada em 2022, o que, sabemos, não se confirmou. Além disso, o robô *Philae* realizara a façanha de pousar no cometa 67P. Outras excursões e proezas siderais viriam.

Do contraponto citado, retiramos a expressiva frase do filósofo Henry Amiel: “A nossa maior ilusão é acreditar que somos o que pensamos ser”. Afirmção para se refletir. Como estamos, afinal, no manejo das sondas que visam perscrutar o nosso mundo íntimo?

Na página 2, o **Editorial** reproduziu o texto de um *e-mail* enviado pelo presidente da ADE-PR aos associados, assinantes deste periódico e outros colaboradores no dia 27 de outubro por ocasião do 19º aniversário da instituição. Como resposta, recebemos inúmeras mensagens parabenizando a nossa instituição, mensagens estas que foram publicadas na seção **Opinião do Leitor**.

Na página 4 fizemos constar a seção **Livros que eu recomendo** com resenha do livro “O espírito em terapia” da psicóloga Ercília Zilli, à época, presidente da Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas.

Do texto destacamos o que se segue. Depois de apoiar-se em informações do espírito de André Luiz sobre as reencarnações compulsórias como tendo por causa graves lesões perispirituais, a condição de espíritos primitivos e, também, dos recalcitrantes, a autora transcreve trecho da obra “Sexo e Destino”.

Há planos prefixados e ocasiões previstas com relativa exatidão para o depercimento do corpo físico; no entanto, os interessados costumam alterá-los, seja melhorando, seja piorando a própria situação. Tal se dá pela economia de energia vital no primeiro caso e pelo suicídio direto ou indireto no segundo, o que nos remete à cautela em relação à interpretação literal do exposto na resposta à questão 853 de “O Livro dos Espíritos”.

Finalizamos o texto com o seguinte parágrafo, isso após a Ercília Zilli puxar explicação sobre as doenças expiatórias do livro “Obreiros da vida eterna”. *Assim, o erro moral provoca desequilíbrio no perispírito que conduzirá a uma escolha genética criando tendências as quais, se bem trabalhadas, farão a conscientização (pelo autoconhecimento) até a transformação em qualidades. O sofrimento é a tentativa ou estágio máximo de sensibilização para a corrigenda.*

Na página 6 figurou a seção **Perguntas & Respostas**, na qual procuramos esclarecer duas questões. A primeira sobre o parecer favorável ou não do Espiritismo sobre a cremação de cadáveres e sobre qual justificativa. Já a segunda dúvida

levantada foi se os espíritos podem se comunicar logo após a desencarnação.

Na página 7 tivemos a seção **Traços Biográficos** e o vulto espírita da vez foi o médico e antropólogo italiano Cesar Lombroso que, de cético em relação aos fenômenos espíritas, especialmente os mediúnicos de efeitos físicos, acabou convencido após testemunhar a materialização do espírito da sua própria genitora, fato que se repetiu por mais de vinte vezes.

E para fechar a edição de número 105, na página 8, a notícia sobre a entrevista concedida pelo presidente da Associação Médico-Espírita do Paraná, Edson Gomes Tristão, ao programa de TV *Diálogo Espírita*.

No subtítulo e à guisa de resumo dos assuntos tratados, colocamos “inseminação artificial e engenharia genética”, entre outros temas.

E por falar em AME-PR, na mesma página, noticiamos a desencarnação do médico homeopata Javier Gamarra que exercia a vice-presidência da instituição. Tal fato se deu no dia 07 de novembro daquele ano de 2014.

E a nota “Generosos abnegados”, da edição passada, você leu?

Reiteramos agora o nosso convite feito na edição passada quando apelamos na nota “**Generosos abnegados**”. Nela fizemos um convite para mais pessoas colaborarem com a ADE-PR, seja na condição de Associados, anunciantes e assinantes deste jornal (“**Assine e recomende**” - **R\$20,00 anuais**), membros do Clube do Livro ou contribuinte do Fundo TV que banca o programa *Diálogo Espírita*.

Passados dois meses, parece que ninguém mais, além dos antigos, decidiu agregar a sua generosidade ao nosso trabalho. Ainda é tempo. Estaremos sempre de braços abertos para os irmãos que desejem colaborar em qualquer frente, inclusive, como componente da equipe de apresentadores do programa na televisão. E pensar que há dezenas de palestrantes distribuídos nas nossas Casas Espíritas e até para isso temos que rogar auxílio.

Salve ADE-PR, 29 anos!

O Editor.

MARIA ANA DE BRITO VALIM

Fonoaudióloga e Psicopedagoga
CRF 9353/PR

+55 41 9.9976-4833

maria_anavalim@hotmail.com

Av. Sete de Setembro, 4214, conj. 203
80250-210 - Batel

Fonoaudióloga: Mestre em Distúrbios da Comunicação
Dislalia: Parkinson, ELA, TCE (neurológicos)
Linguagem: Adulto nas afásias e demências e Infantil: Avaliação e Terapia; Terapia do Processamento Auditivo Central (PAC)
Atendimento: Particular - Domiciliar e Consultório

Pedagoga: Especialista em Psicopedagogia
Avaliação e Terapia Psicopedagógica
Orientação Institucional e Familiar
Atendimento Particular no Consultório

Na edição de julho-agosto, número 164, tivemos a oportunidade de, ao usar o espaço reservado à seção **A palavra dos Espíritos e dos espíritas**, apresentar diversas opiniões e relatos relativamente à existência das colônias espirituais, visto que muitos espíritas demonstram ceticismo sobre a sua realidade.

Pois, veio-nos a calhar a leitura do livro “As colônias espirituais e a Codificação”, do escritor mineiro Paulo da Silva Neto Sobrinho. Portanto, vale muito a sua leitura que enriquece substancialmente o conteúdo da nossa abordagem anterior.

Paulo, como de praxe em outros trabalhos seus, recorre intensamente a outras obras e delas faz, algumas vezes, longas e oportunas transcrições para embasar a sua argumentação. Para se ter uma ideia, neste livro em referência, a bibliografia de que ele se serviu foi 37 no total, passando por Allan Kardec, Léon Denis, Arthur Conan Doyle, Herculano Pires, Divaldo Pereira Franco, Yvonne Pereira, Chico Xavier, Cairbar Schutel e vários outros.

Ao citarmos os títulos dos principais capítulos, pode-se logo perceber o alcance do conteúdo: *O mundo invisível; As colônias espirituais e a codificação; Estudiosos como outras fontes; Médiuns do Grupo Irmã Scheilla (SP); Autores espirituais que as mencionam; A prática mediúnica de médiuns as confirmam; Nas EQMs surgem referências às construções no mundo espiritual.* Há, ainda, uma Apresentação, Prefácio, Introdução, Conclusão e a bibliografia, seguida da biografia do autor.

Oponto de partida é o livro “Devassando o Invisível”, de Yvonne Pereira, no qual ela expõe argumentos a favor da tese da existência das colônias espirituais, falando ali por si mesma e não como intermediária de outros espíritos. E a seguir, por ela, ainda, a citação de “Depois da Morte”, “O problema do ser, do destino da dor” e “No Invisível”, todas de Léon Denis, chegando com este a Dante Aligheri e à “Divina Comédia”.

Yvonne segue citando outros autores como Ernesto Bozzano em “A crise da morte” onde ele narra casos de comunicações de desencarnados que descrevem situações do mundo espiritual que caracterizam as colônias. Destaque para o caso citado pelo autor italiano do ator Rodolfo Valentino, falecido em 1926. A mensagem era dirigida à esposa Natacha Rambowa em Nice, França, através do médium norte-americano Jorge Benjamin Wehner Fda sobre a construção de casas modeladas por espíritos especialistas.

Ainda Yvonne Pereira cita o reverendo George Vale Owen (1869-1931) e o livro “Vida além do véu”.

Paulo cita as questões 87 a 102 de “O Livro dos Espíritos” para demonstrar que elas não se contrapõem à existência das colônias e teoriza que estas seriam compatíveis com os mundos transitórios das questões 234/236. Particularmente, com todo o respeito pela opinião do autor, aqui temos que discordar porque ali se fala em planetas estéreis, mas materiais, para repouso de espíritos errantes e só as construções seriam “fluídicas” ou de formas-pensamento. Mas não é isso que as descrições das colônias nos trazem. “Nosso Lar” é uma colônia ‘etérea’ sobre a cidade do Rio de Janeiro, por exemplo.

Antes Paulo disserta que as colônias poderiam ser os mundos intermediários aos espíritos errantes Depois, diz que em torno destes

planetas poderia haver colônias para abrigo de espíritos durante o intervalo entre uma encarnação e outra, mas o que temos na Codificação e na “Revista Espírita” é que os espíritos destes mundos são incorpóreos, portanto, não precisam de mais colônias ‘satélites’.

De “O céu e o inferno”, há o item 25, do qual descreve os “Espíritos mergulhados nas trevas” e a mensagem do espírito Paula, certa condessa em vida, falando em ‘moradas aéreas’. E da mesma obra, o espírito Claire dizendo ter vagado nas trevas. Na “Revista Espírita” de 1859 (o autor não localiza o mês), o espírito de Voltaire fala de ‘habitações’, rochas, etc.

Há outros excertos da “Revista Espírita”, como as descrições de Victorien Sardou do planeta Júpiter e, também, do livro “Raymond: uma prova da existência da alma”, uma série de informações trazidas mediunicamente pelo filho de Oliver Lodge. Mais à frente, é Arthur Conan Doyle, autor de “História do Espiritismo”, mencionando as descrições de colônias feitas por Emanuel Swedenborg em concordância com Raymond e lá estão casas, palácios bibliotecas, ruas, árvores, flores e lagos.

Agora é a vez de James Arthur Findlay (1883-1964) também com longo descritivo das colônias. E depois o livro “A vida em outro mundo”, de Cairbar Schutel. Herculano Pires contribui com o livro “O mistério do bem e do mal” que, no capítulo 26, celebra o centenário do Espiritismo e cita obras de André Luiz (“Nosso Lar”, “Os mensageiros” e “Ação e Reação”), concordando com as descrições de *Nosso Lar*, umbral, etc.

A partir daí Paulo Neto recorre a trechos e comentários sobre o livro “Alvorada Nova”, trabalho de oito médiuns realizado na década de 1980 e liderados pelo espírito de Cairbar Schutel. A cidade homônima tem 200 mil habitantes e está situada no Umbral, sobre a cidade de Santos. *Um número incalculável de colônias espirituais e postos de socorro existem e continuam sendo criadas...*

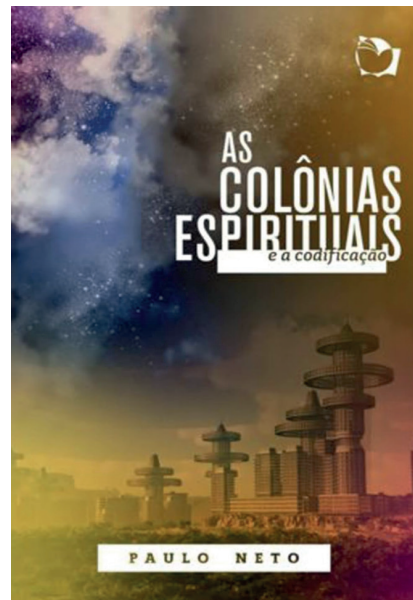
esclarecem os espíritos.

Outros autores que as mencionam, informa o autor: João Lucio, em “Em novos horizontes”; Wagner Gomes da Paixão, Eça de Queiroz, em “Getúlio Vargas em dois mundos”; Adamastor, em “Ícaro Redimido, a vida de Santos Dumont no plano espiritual”; Zílio, em “Um roqueiro no além”; Joanna de Ângelis, em “No limiar do infinito”; Luís Felipe em “Cidades Espirituais”, pelo médium de Blumenau-SC José Fernando Araújo que descreve a colônia Nova Esperança; Monsenhor Robert Hugh Benson, em “A vida nos mundos invisíveis”, pelo médium Antonhy Borgia (1896-1999).

Heigorina Cunha visita o *Nosso Lar* e reproduz o que vê em “Cidade no Além” e James Van Praagh, como médium, fala das diferentes dimensões existentes, em “Espíritos entre nós”, conferindo, inclusive, com André Luiz e a Codificação de que espíritos das dimensões superiores podem descer às inferiores, mas não o inverso.

Paulo Neto fecha o seu “conjunto de provas” a favor da hipótese das colônias espirituais com as Experiências de Quase-Morte. Sobre a conexão inclui o livro “Reflexões sobre a vida depois da vida”, de Raymond A. Moody Jr.

Para demover o ceticismo dos espíritas, escreve Paulo, ele finaliza com a reprodução da lenda egípcia do Peixinho Vermelho, contada por Emmanuel no Prefácio do livro “Libertação”.





Escrevíamos ao final desta seção na edição anterior sobre algumas curiosidades envolvendo as colônias espirituais. Retomando, pois daquele ponto o nosso estudo, acrescentamos agora mais algumas destas curiosidades antes de avançar sobre outros aspectos.

Voltando ao livro “Os animais na obra de Deus”, de Geziel Andrade, à página 111 ele menciona outra obra, “A vida nos mundos invisíveis”, de Anthony Borgia psicografando o espírito do Monsenhor Robert Hugh Benson, ex-arcebispo da Cantuária, na Inglaterra, na década de 1920.

Outra curiosidade está em um livro citado por Allan Kardec na “Revista Espírita”, de janeiro de 1867. Às páginas 15 a 19 o resumo em que o assassinado reencarna como filho do assassino. Bastante engenhoso. Mas o relato de Kardec vai além. O autor deste livro comete suicídio, depois comunica-se e declara que “não era espírita e até se ria dos que acreditavam, mas acabou servindo de instrumento inconsciente para a propagação de ideias úteis ao progresso da humanidade”.

Um pouco mais sobre isso envolvendo Kardec. Mais uma vez através da *Revue Spirite*, julho/1867, pág. 219/226. Alguém publica um livro que, sem se rotular de espírita, o é na essência; não é bem um romance. Curioso é que o autor, na verdade, publicou dos originais de um médium isolado, um camponês (com alguma cultura) que ele visitou, viu-o psicografar três horas por dia; já tinha mais ou menos 16.000 páginas, etc. Há uma história de ficção, mas com textos filosóficos sobre a vida, castigo, vidas sucessivas, perispírito etc. Título do livro: “Romance do Futuro”.

Um ano antes, Revista Espírita, março/1866, (pág. 95) o escritor Émile Zola fala sobre o livro “Espírita” de Théophile Gautier e na página seguinte, excerto de outro livro (“A mulher do espírita”) em que o marido faz a dança das mesas, a mulher teme-o, busca um amante e por duas vezes as aparições impedem.

Na *Revue Spirite*, agosto/1865, pág. 237, há uma referência ao livro de Félix de Wimpfen, guilhotinado em 1793 e publicado em 1788.

Aliás, em se falando sobre o livro “Espírita” ou depois “Ignorado amor”, não há indícios de que o autor tenha estudado Allan Kardec ou apenas não menciona para não parecer propaganda. Mas o personagem amigo do principal seguia os ensinamentos de Emanuel Swedenborg. O primeiro contato com o Espiritismo foi através de um sussurro; depois um bilhete psicografado, imagem no espelho, carruagem no parque (aparição porque os outros também viram) e outras. Emocionante e instrutiva narrativa do espírito sobre a vida depois da morte no convento. E o conselho da personagem principal para que o apaixonado não cometesse suicídio visando ir ao encontro dela devido as consequências funestas que esse ato acarretaria. Fala muito bem sobre o perispírito e o cordão, desprendimento no sono, etc.

Ainda falando em literatura que trata de princípios e conceitos espíritas, encontramos na revista “Reformador”, nº 2.157, dezembro/2008, algo sobre “Eneida”, de Virgílio. Há o suicídio de Dido, rainha de Cartago, após ser abandonada por Enéias, mas ouve vozes do marido já desencarnado. Então ela, agonizante, diz: “... A onipotente Juno, compadecida... envia-lhe do Olimpo, para libertar aquela alma em luta com os laços do corpo. Pois como sucumbia a uma morte não prevista pelo destino nem merecida, mas pedia, infeliz, antes do tempo e presa a um súbito furor...”. Mais tarde, Enéias tem de descer ao Tártaro nas mesmas condições de Ulisses na “Odisseia” e vê o pai Anquises no mundo das sombras.

No jornal “O Espírita”, nº 20 - abril/1998 somos informados de que Dante Alighieri, para escrever a “Divina Comédia”, contou com ajuda do espírito de Virgílio. E no início deste século, na obra “A vida além do véu”,

do reverendo da Igreja Anglicana, G. Vale Owen, com o mentor espiritual Astriel que fora diretor de escola da cidade Warwick no século XVIII.

O jornal “O Imortal”, agosto/2002 elegeu quatro dos principais livros sobre reencarnação: “A Reencarnação” (Gabriel Delanne), “A Reencarnação e suas provas” (Carlos Imbassahy), “Vinte casos sugestivos de reencarnação” (Ian Stevenson) e “Reencarnação e imortalidade” (Hermínio Corrêa de Miranda).

E a partir daqui apresentamos diversos números, embora muitos deles mais antigos, servem para acompanharmos a evolução de publicações, leitores, etc.

Revista “Isto É”, nº 1.972, 15/08/2007: havia na época 120 editoras espíritas; 131,5 milhões de livros vendidos até dezembro/2006; 18 milhões de exemplares vendidos de Chico Xavier (só pela FEB) e aproximadamente 1.000 autores.

De “Divulgador”, nº 61, dezembro/1997: o primeiro Clube do Livro Espírita surgiu na década de 1970 por José Reis, em Marília-SP.

Novamente de “Isto É”, nº 1.489, 15/04/1998: nos Estados Unidos, o livro “Conversando com os espíritos”, de James Van Praagh, vendeu 600.000 exemplares em três meses.

Em “Recorte”, fevereiro/2000, transcrição do jornal “Abertura” de dezembro/1999: nos 100 anos da FEB (só editados por ela), vendidos 2.880.000 (115 edições) do “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, 1.473.000 (80 ed.) de “O Livro dos Espíritos; 890.000 (64 ed.) de “O Livro dois Médiuns”; 420.000 (43 ed.) de “O Céu e o Inferno”; 437.000 (38 ed.) de “A Gênese”; 248.000 (28 ed.) de “Obras Póstumas”; 409.000 (40 ed.) de “O que é o Espiritismo” e 878.000 (45 ed.) de “A Prece”.

No jornal “Mundo Espírita”, novembro/2004: a Federação Espírita Brasileira havia lançado até então e desde 1948, cerca de 600 títulos, de 160 autores e quase 40 milhões de livros. Só do Chico Xavier eram 15,3 milhões vendidos e de Kardec outros 10 milhões.

A revista “Época”, de 11/09/2006: Divaldo Pereira Franco até então já havia publicado 220 títulos com sete milhões de exemplares e Zíbia Gasparetto – 22 livros com 4,5 milhões de exemplares.

Jornal “Correio Fraternal do ABC”, março-abril/2007: segundo Luis Saegusa, responsável pela Feira do Livro Espírita de Santo André, já haviam sido vendidos 131 milhões de livros espíritas no Brasil, editados por 120 editoras, das quais 80 estavam ativas.

Revista “Reformador”, nº 2.137, abril/2007: 15 milhões de exemplares dos livros de Kardec no Brasil, 4.000 títulos e mais de 90 milhões de exemplares no total. Estes números devem se referir aos comercializados por todas as editoras.

Boletim da FEB, dezembro/2011: a FEB já havia imprimido 10 milhões de livros de Allan Kardec e 16 milhões de Chico Xavier; só de “Nosso Lar” tinham sido 2,2 milhões.

Revista “Veja”, nº 2.198, 05/01/2011: o livro “Nosso Lar” foi o quinto mais vendido em 2011, na categoria *Autoajuda e esoterismo*. No número de três semanas após, “Veja” explicou que do valor de capa de um livro impresso qualquer 50% ficam com a livraria; 40% com editora e 10% para o autor. Nos *e-books* a livraria fica com 30%, a editora com 53% e o autor com 17%.

No boletim “Serviço Espírita de Informação”, abril/2014: a FEB publicara até então 567 títulos e 44.397.400 exemplares, sendo do *ESE* com 4.490.300; do *OLE*: 2.472.000; do “Nosso Lar”: 2.107.000 e *OLM* com 1.277.000.

Eventuais incongruências entre as informações de diferentes veículos são de inteira responsabilidade das mesmas.

Sidarta Gautama foi um grande sábio. Então, se ele disse algo, este algo deve ser merecedor de nossa atenção. Vemos, pois, o que ele nos ensina, aliás, tratando justamente disto, saber e ensinar. **Existem três classes de pessoas que são infelizes: a que não sabe e não pergunta, a que sabe e não ensina e a que ensina e não faz.** Vamos por partes.

Em primeiro lugar ele considera a ignorância como um motivo de infelicidade. E, de fato, é. Tanto se estivermos nos referindo à educação formal ou, mais precisamente, à instrução, como em relação à educação propriamente dita, ao menos, segundo o conceito espírita que contempla, além dos conhecimentos ligados à vida material, aqueles relacionados ao ser humano integral.

Allan Kardec expressou muito claramente esta situação ao afirmar que a verdadeira educação deve ser abrangente e incluir não só o desenvolvimento intelectual, mas, também, o físico e o moral. Não basta o que aprendemos pelos livros. Há necessidade de se criar bons hábitos diários para fazer homens e mulheres de bem. O indivíduo contribuirá muito pouco com a sociedade se tudo o que ele puder oferecer se limita à aplicação na vida terrena.

Claro que a inteligência empregada ao cumprimento de uma bem-sucedida carreira profissional, por exemplo, é de grande valia e evidencia inquestionavelmente uma virtude. Porém, este sucesso, como em outras esferas da vida material serão sempre incompletos e passageiros se não estiverem acompanhados por sentimentos nobres e lisura de caráter.

Entretanto, Buda não menospreza nem condena o ignorante, talvez por compreender que nem sempre isso ocorre por negligência do indivíduo. Muitas vezes foi por falta de oportunidade, de recursos financeiros e outras mais que todos sabemos. O que o sábio hindu critica é quando o indivíduo não sabe e não procura saber, contenta-se e acomoda-se com a sua ignorância.

Como dizemos, às vezes, ele não sabe, não quer saber e até pode sentir despeito ou inveja daquele que sabe. Esta pessoa não pode e não merece progredir porque não faz o mínimo esforço para mudar a sua situação. Deixa-se controlar, manipular por aquele que sabe um pouco mais do que ele.

Estamos diante daquele que vive na dependência de ser conduzido, incapaz de tomar as próprias decisões e, por isso, dispõe de pouca liberdade de ação. Os outros são os que decidem a sua vida, senão direta e explicitamente, mas, na prática sim.

Vivem em seu mundinho, não quer ser incomodado, não gosta de desafios. Pensa pouco, escravo da rotina, horizontes estreitos. Nem sempre são pessoas más. Podem ser humildes, afáveis, de bom coração, porém, espiritualmente falando, chegam à nova encarnação sem entusiasmo, pouco realizam e saem dela quase do mesmo tamanho de quando entraram.

E aí chegamos à segunda classe, a que sabe e não ensina. Poderíamos chamar de egoístas intelectuais. Contentam-se em guardar para si aquilo que aprenderam. Talvez constituam um segmento relativamente pequeno. Trazendo a análise para o meio espírita, encontramos vários destes que, por desinteresse ou até falsa modéstia, estudam apenas para aproveitamento próprio.

Não podemos condená-los. Aliás, nem a eles nem a ninguém, o que incluí os nossos irmãos infelizes citados no início. Seja qual for o motivo

que mova estes ou aqueles, temos que respeitar-lhes o livre-arbítrio. Entretanto, não podemos deixar de lamentar o comportamento de ambos.

Não dividir com os outros aquilo que já aprendeu não parece uma postura adequada. Recordamos aqui das questões propostas em “O Livro dos Espíritos” em relação à vida em sociedade, entendendo-se que o isolamento não é recomendável porque todos necessitamos do convívio de uns com os outros para trocar experiências e desenvolver aptidões como tolerância, solidariedade, cooperação etc.

Falando somente em termos religiosos ou, concedamos, de espiritualidade, somos todos gratos aos grandes filósofos e monges da Antiguidade que, às vezes, na penumbra de suas celas ou em contato direto com a natureza, desenvolveram o conhecimento na área do espírito, da vida, de Deus e do universo.

De algum modo, muito disso chegou até nós e usufruímos deste conhecimento acumulativo e temos o dever, quem tem não o privilégio porque este não existe nas leis de Deus, mas a oportunidade, de dar continuidade aos passos daqueles precursores. Cada um tem uma missão diferente e os intelectuais do passado merecem o nosso respeito e admiração.

Nem por isso, nós, homens e mulheres de hoje, com a facilidade existente para a disseminação do conhecimento, podemos nos contentar em estudar e aprender só para si. No Movimento Espírita precisamos de toda mão de obra possível para divulgar o conhecimento que a Doutrina Espírita já nos proporcionou alcançar, levando ao limite das nossas condições estas informações aos que ainda desconhecem o assunto e estão privados do consolo e iluminamento que ele oferece.

Mas para Buda o pior ainda está por vir que é aquele que ensina e não pratica. É o famoso “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Ou seja, o indivíduo sabe, não importa em que área ou com que profundidade, mas sabe algo e se propõe a ensinar, frequentemente,

exigir dos outros, mas não exemplifica.

Se podemos ser mais compreensivos no comportamento dos grupos anteriores, parece que para este, há pouco espaço para o exercício da condescendência. Acima de tudo estamos tratando com pessoas habituadas à hipocrisia. Mais uma vez não podemos deixar de mencionar a existência deste tipo de problema em nosso meio.

Apontar o dedo na direção do companheiro de tarefa ou mesmo um frequentador comum é muito fácil. Mostrar autoridade e cobrar correção absoluta ou mesmo em uma determinada situação particular parece não custar esforço algum. Porém, quantas vezes estes sepulcros caiados não são desmascarados? E novamente nos defrontamos com o cisco no olho alheio e o poste não percebido no nosso.

Falamos muito sobre Jesus e sua moral. Sobre a necessidade de seguir-lhe as lições para o que citamos empolgados os evangelhos, especialmente a obra básica correspondente, mas ao surgimento do primeiro atrito ou do primeiro deslize de alguém, toda a nossa teoria vai para o espaço.

Por ser mais grave a situação faltosa, as circunstâncias e o peso que isso representa do ponto de vista da coletividade, uma vez mais, sem julgamentos individualizados, mas, com certeza, essa é a mais reprovável das três citações contidas no aforismo de Buda. E, portanto, o indivíduo que ensina e age de modo contrário, é também o mais infeliz dos três.





Entre o sagrado e o profano

Wilson Czerski

O que é o sagrado? Entre muitas definições, o adjetivo está ligado ao substantivo religião, por exemplo. Em um patamar acima, ao próprio Deus. Abaixo, mantém relação com a ideia de culto e rituais. É algo inviolável que não se deve denegrir e merecedor de veneração e respeito.

Entre seus sinônimos, além dos contidos no parágrafo anterior, encontramos ‘abençoado’, ‘santificado’, ‘ungido’ e ‘investido’. Fazem-lhe oposição, isto é, são antônimos aquilo que é profano, ímpio, blasfemador e até o descrente e aquele que renega.

Então, podemos perguntar: o que é sagrado? A Bíblia é sagrada? E o Alcorão? “O Livro dos Espíritos”, quem sabe, já que é a principal obra da Doutrina Espírita? Um crucifixo é um objeto sagrado? Uma imagem de Jesus? Um templo religioso é um local sagrado?

Parece-nos que a ideia de sagrado está mais ligada ao sentimento que cada indivíduo atribui a determinado local, objeto ou representação do que a estes em si. Se analisarmos racionalmente veremos que quase em todos os casos estamos atribuindo um valor especial, divino, a algo que não passa de matéria, portanto, sem conexão direta com o espiritual.

Imagens são desenhos, pinturas ou fotografias confeccionadas por mãos humanas. Como também o são as esculturas feitas por artistas especializados ou artesãos trabalhando a madeira, gesso, porcelana, pedras ou metais diversos. Os templos, mesmo os mais simples, são construções mundanas.

Um objeto supostamente pertencente à vida pessoal de um santo ou personalidade de determinada religião não tem nada de divino. O túmulo onde seus despojos estão depositados não possuem nenhum poder de cura ou milagre porque o espírito que animou aquele corpo não se encontra ali, até porque se constituiria em causa de grande aflição, uma prisão.

O que consideramos ou deveríamos considerar sagrados não são os objetos em si, mas o que eles representam, a ideia que está por detrás da sua aparência ou possível origem. Daí que na Doutrina Espírita emprestamos pouco valor aos mesmos. Não se alimenta e não se incentiva o culto a quem quer que seja consubstanciado em objetos materiais.

Veza por outra podemos encontrar em alguma instituição espírita uma imagem de Jesus ou uma fotografia do codificador Allan Kardec. Mas não guardamos relíquias, exceto como peças de museus. Não temos água benta, embora alguns façam da água fluidificada a sua substituta. Não se utiliza de vestimentas especiais e a toalha branca cobrindo a mesa é dispensável, tornando-se mais uma questão de beleza e ideia de paz do que intenções de agradar ou atrair energias ou entidades superiores.

E “O Livro dos Espíritos”, citado antes, é um livro como outro qualquer, feito de papel e tinta, e por si só nada possui que exija uma mobilização física ou mental diferenciada, exceto pelo valor de seu conteúdo.

Naturalmente que se se repetisse diante de nossos olhos a queima de 300 obras espíritas, entre elas “OLE” como aconteceu em outubro de 1861 em Barcelona, por um ato de intolerância religiosa, ninguém de nós deixaria de se indignar com o fato. Para quem gosta de literatura, qualquer livro que seja estragado desnecessariamente já seria motivo de lamentação.

E aí é que nos parece entrar a questão de respeito pelos valores alheios. De uns tempos para cá, temos presenciado cenas lamentáveis envolvendo objetos ou locais considerados muito importantes para outras religiões.

Os pretextos vão da liberdade de expressão ao laicismo. Em janeiro de 2015 o jornal satírico francês *Charlie Hebdo* sofreu um ataque terrorista que deixou 12 pessoas mortas, ato praticado como represália à publicação de charges do profeta Maomé.

Aqui no Brasil, há alguns anos, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida foi quebrada diante da televisão por um pastor. Mais recentemente episódios de intolerância e radicalismo ou simplesmente de demonstração de provocação e desrespeito às crenças e valores religiosos foram noticiados pela mídia.

No Rio de Janeiro ataques a terreiros de Umbanda. Em Curitiba a invasão de uma igreja católica por grupo liderado por um vereador que interrompeu a celebração de uma missa. Na Marquês de Sapucaí, no Carnaval de 2020 Jesus foi personificado por uma mulher negra em um momento e depois, figura masculina, apanhou da polícia.

Em outra edição da festa momesca mais demonstrações públicas de blasfêmia com pessoas introduzindo crucifixos em seus orifícios naturais e figurações aqui e acolá de um Cristo homossexual.

E mais recentemente, na abertura das Olimpíadas de Paris, o lamentável espetáculo de uma santa ceia (aqui propositadamente em letras minúsculas) figurada por *drag queens* e sobre a mesa um ator quase nu incorporando Dionísio, ou Baco para os romanos, o deus do vinho e das bacanais.

Entre negativas, admissões e justificativas, a polêmica se estabeleceu. Houve alegações de que a referência era a outro quadro representativo da última refeição de Jesus com seus discípulos, de um pintor holandês. Como se o fato de não ter se inspirado na obra de Leonardo da Vinci pudesse desvincular a farsa do evento verdadeiro da vida do Cristo.

Voltando aos nossos raciocínios iniciais, não é a tela do célebre artista italiano que é sagrada e por isso proibida de ser imitada ainda que de modo desvirtuado. Para os cristãos em geral, cujas instituições e valores têm sido atacados com frequência, é o que ela representa. Não são os crucifixos de madeira que não podem ser ridicularizados, mas a ideia, a lembrança de um ser especialíssimo para o mundo.

Não somente a perda material de uma imagem ou o dano patrimonial a um templo que causam repulsa e indignação, mas o sentimento ferido naquilo que o ser humano possui de mais precioso, a sua ligação com o Criador.

O sentimento de respeito, de devoção, de amor, este sim é que é especial, sagrado e deveria ser inviolável. E atos que comprometam este caráter de sacralidade íntima devem ser coibidos. Se “as diversidades” – ideia central da abertura das Olimpíadas – desejam e necessitam respeito e inclusão, devem agir de modo a merecê-los. Caso contrário, conforme os dicionaristas, por ofender, agredir, desrespeitar, além de um simples descrente ou renegador de valores e crenças, serão tachados de profanos, ímpios e blasfemadores.

Em vez de simpatia e adesão à causa que defendem, só provocarão conflitos e discórdias e despertarão sentimentos de repulsa, o que não é bom para ninguém. O Cristo, este a quem aviltam, saberá perdoar mais uma vez, mas provavelmente derramará uma lágrima por se deparar com tanta incompreensão entre os homens pelos quais se sacrificou e a quem deseja a paz e a fraternidade.